

NA CASA DO ILUSTRE ESCRITOR, OCTAVE MIRBEAU

AT THE HOME OF THE ILLUSTRIOUS WRITER, OCTAVE MIRBEAU

Maria Inês Canedo Arigoni*

Resumo: Esta é uma tradução da crônica “Chez l’Illustre Écrivain”, de Octave Mirbeau (1848-1917), publicada em 28 de novembro de 1897, no *Le Journal*. O texto marca o engajamento de Mirbeau na luta pela revisão do processo do oficial francês Alfred Dreyfus, condenado injustamente, na França, pelo crime de alta-traição. Jornalista, panfletário, crítico de arte, romancista e dramaturgo, uma das figuras mais interessantes e originais da literatura francesa da Belle Époque, Mirbeau esteve junto com Émile Zola e outros escritores do período na batalha pela correção de um dos maiores erros judiciais da França. Ele fez parte do grupo chamado de *dreyfusards* que a partir da divulgação da carta de Émile Zola dirigida ao presidente da república Félix Faure, publicada pelo jornal *L’Aurore*, em 13 de janeiro de 1898, também ficou conhecido como os ‘intelectuais’.

Palavras-chave: Octave Mirbeau. Caso Dreyfus. Crônica. França. Século XIX.

Abstract: This is a translation of the chronicle "Chez l'illustre Écrivain" by Octave Mirbeau (1848-1917), published on 28 November 1897 in *Le Journal*. The text marks Mirbeau's involvement in the fight to review the trial of French officer Alfred Dreyfus, unjustly convicted in France of the crime of high treason. A journalist, pamphleteer, art critic, novelist and playwright, one of the most interesting and original figures in French literature of the Belle Époque, Mirbeau joined Émile Zola and other writers of the period in the battle to correct one of France's greatest miscarriages of justice. He was part of the group called the Dreyfusards, who, following the publication of Émile Zola's letter to the President of the Republic Félix Faure in the newspaper *L'Aurore* on 13 January 1898, also became known as the 'intellectuals'.

Keywords: Octave Mirbeau. The Dreyfus Affair. Chronicle. France. 19th century.

Octave Mirbeau (1848-1917) nasceu na França, em uma região natural conhecida como Perche¹, sendo ele filho de um oficial de saúde. Mirbeau fez seus estudos no Colégio Jesuíta de Vannes, começou o curso de direito, mas, em 1872, abandonou-o para dedicar-se ao jornalismo

* Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E-mail: <inesarigoni@gmail.com>.

¹ Segundo a *Grande Enciclopédia Larousse Cultural* (1995, p. 4539), trata-se de uma região da França, dividida entre os departamentos de Orne, Sarthe e Eure-et-Loir. É uma zona de florestas, culturas e pastagens que se especializou, no século XIX, na criação de cavalos (*percherons*).

(PASSARD, 2015). Foi jornalista, panfletário, crítico de arte, romancista e dramaturgo, e esteve entre as interessantes e originais figuras da literatura francesa da Belle Époque. Sua obra jornalística é completa e complexa tanto na forma (crônicas, entrevistas, microficção) como em suas flutuações políticas. O engajamento do escritor teve uma evolução que foi do bonapartismo ao dreyfusismo, mas não sem antes passar pelo antissemitismo e tocar profundamente a causa anarquista (KALIFA *et al.*, 2011).

A crônica “Na casa do Ilustre Escritor”, publicada em 28 de novembro de 1897, no *Le Journal*, tem como pano de fundo o Caso Dreyfus. Nela, um ilustre escritor questiona um jovem poeta que se mantinha calado em meio a discussões sobre a condenação do oficial judeu Alfred Dreyfus por crime de alta-traição, no final dos anos 1800. Em face das questões levantadas pelo poeta, o escritor, tomado de cólera, defende que, mesmo que Dreyfus fosse inocente, precisaria ser culpado para o bem da França, da política e das instituições. Essa crônica marca a entrada de Mirbeau em uma batalha que já reunia diversos intelectuais: a batalha pela revisão do processo que condenou Dreyfus.

O Caso Dreyfus tocou temas sensíveis como justiça, verdade, antissemitismo, Pátria, República e democracia, gerando uma atmosfera de intolerância na França. A imprensa cumpriu um papel determinante para que as discussões ganhassem a esfera pública, tocando o Judiciário, a política e a opinião pública. Neste percurso, a intervenção de Émile Zola foi determinante. O autor, com a publicação do artigo “M. Scheurer-Kestner”, no *Le Figaro*, em 25 de novembro de 1897, foi relevante para a luta dos *dreyfusards*, como eram chamados aqueles que defendiam Dreyfus. Esse artigo terminava com a sentença famosa e profética que congregou os aliados de Dreyfus: “*A verdade está em marcha e nada a deterá!*” (ZOLA, 1999, p. 44, grifos do autor, tradução própria)². Sem entrar em detalhes sobre o episódio de Dreyfus, Zola afirmava que a justiça deveria seguir seu curso e que sua intenção era defender a pessoa de Auguste Scheurer-Kestner, vítima de uma campanha de calúnias: “Quero testemunhar: uma vida de cristal, a mais transparente, sem vício, sem a menor fraqueza. Uma mesma opinião, constantemente seguida, sem ambição militante” (ZOLA, 1999, p. 40, tradução própria)³. A expressão “vida de cristal”, que homenageava o senador, inscreveu-se na memória coletiva dos partidários de Scheurer-Kestner, que reproduziram essa expressão com entusiasmo, a ponto de os inimigos do senador a ridicularizarem, associando-a não à nitidez ou à transparência, mas à fragilidade de um copo que, a qualquer momento, pode ser quebrado (PAGÈS, 2008).

Mirbeau, assim como Zola, traz a representação de Scheurer-Kestner⁴ como um homem correto, de trajetória irretocável e, sobretudo, como uma figura-chave para compreender e construir a convicção da inocência de Dreyfus. Em todos os grandes combates estéticos, políticos e sociais de seu tempo, Mirbeau empenhou-se apaixonadamente, não se permitindo assumir uma postura de neutralidade. Lançou-se no Caso Dreyfus, dispondo de toda a sua genialidade de panfletário, assim como de toda a sua sutileza de homem de letras, tudo isso em

² No original: “*La vérité est en marche, et rien ne l’arrêtera!*”

³ No original: “[...] une vie de cristal, la plus nette, la plus droite. Pas une tare, pas la moindre défaillance. Une même opinion, contentement suivie, sans ambition militante [...]”.

⁴ Auguste Scheurer-Kestner (1833-1899), vice-presidente do Senado, foi considerado uma autoridade moral na política, desempenhando um papel importante na luta pela revisão do Processo Dreyfus.

prol da verdade e da justiça, o que nos permite compreender a forma como o escritor concebia, em sentido amplo, a responsabilidade do intelectual e, em particular, a do escritor.

A tradução da crônica “Chez L’Illustre Écrivain”, de Octave Mirbeau, foi realizada no período de escrita da minha tese de doutorado, cuja proposta era discutir as relações entre o jornalismo e a literatura a partir da produção textual a respeito do Caso Dreyfus. Naquele momento, realizei uma tradução individualmente, enquanto pesquisava o contexto jornalístico do processo Dreyfus e também a posição de escritores e redatores de jornais envolvidos na batalha de revisão do processo Dreyfus. O cenário jornalístico foi essencial para compreender e analisar as diversas formas de engajamento pela revisão do processo de Dreyfus.

Na casa do Ilustre Escritor, Octave Mirbeau

VII

Ontem, alguns de nós estivemos reunidos, na casa do Ilustre Escritor, para jantar. Você pode imaginar o tema da conversa. Falava-se apenas do Caso Dreyfus, pois como se poderia falar de outra coisa neste momento? E que drama supera isso em angústia e terror?... Encontravam-se lá somente pessoas mais ou menos célebres e que fazem do pensar sua profissão: intelectuais, como se diz. Por isso, eu me recuso a reproduzir todas as tolices, todas as tolices monstruosas que foram pronunciadas. Em alguns minutos de exaltação patriótica, elas atingiram rapidamente a perfeita, a indescritível beleza com que as vemos todos os dias se destacarem na imprensa. Eu ignoro qual será o resultado deste trágico e obsessivo episódio. No entanto, parece-me que já existe um resultado: o jornal não tem mais nada a invejar do alojamento do zelador⁵. O jornalista assumiu como seu o boato estúpido, venenoso e acusador de tal maneira que destronou para sempre o simbolismo, a especialidade do zelador, guardião de nossa porta e também de nossa honra!... E foi necessário nada menos do que o grande grito de consciência do senhor Émile Zola, foi necessário nada menos do que sua nobre e forte palavra para que, na enxurrada de imbecilidade que nos inunda, recuperássemos-nos para não desacreditar completamente a utilidade e a generosidade de nossa profissão.

Ora, ontem, na casa do Ilustre Escritor, a conversa, inicialmente dispersa entre todos os convivas, ávidos por ostentar sua estupidez irredutível e vomitar sobre a mesa tudo o que haviam comido pela manhã nos jornais, fixou-se logo em um diálogo entre nosso anfitrião e um jovem poeta, o qual ainda não havia dito uma única palavra e que parecia olhar para todas essas pessoas ao seu redor com o espanto lamentável de alguém que está diante de uma assembleia de loucos.

— E você, disse o Ilustre Escritor, dirigindo-se ao jovem poeta, você ainda não expressou nenhuma opinião?... Como todo mundo, você deve ter um sentimento... e mesmo uma firme convicção sobre este drama?... Vejamos, o que pensa você de Dreyfus?

⁵ Trata-se de uma pessoa indiscreta, que está ciente de tudo, ou ainda, de uma pessoa excessivamente falante (Le Robert Mobile, 2017). Essa expressão faz referência ao cômodo do zelador, lugar onde se pode saber de tudo que está acontecendo [N. T].

— Eu o creio inocente!... respondeu o poeta com uma ingênua doçura.

Houve gritos, protestos indignados. Quando se acalmaram, um ensaísta, normalista, acadêmico, muito bem conhecido em círculos elegantes, perguntou, não sem ironia:

— Você tem informações confidenciais?

— Não, eu tenho duas impressões... E elas me são suficientes!

— Impressões! exclamou o Ilustre Escritor... Temos o direito de ter impressões em um caso como esse? É preciso ter certezas!

— Que outras impressões você tem, então, para crê-lo culpado?

— Uma sentença! Falou o Ilustre Escritor, com um tom melodramático.

— Uma sentença!... Ela foi lavrada por homens!

— Não, por soldados!

— Estes são duplamente homens!...

Uma cólera tomou a face do Ilustre Escritor. E ele disse:

— Então você vai suspeitar do julgamento de um Conselho de Guerra?

— Deus me livre!... Mas os juízes podem ter se enganado... Embora eles portem uma toga vermelha ou um dólmã, isso acontece, infelizmente!... pode acontecer de os juízes se enganarem!

— É antinacional o que você diz aqui!... É monstruoso!... Mesmo neste lugar você não tem o direito de expressar essa opinião!...

— Por que não teria o direito de expressar o que está em minha mente e em meu coração?

— Porque... porque... a justiça está acima de tudo!

— Eu nunca disse o contrário... porquanto penso que a justiça está mesmo acima dos juízes!...

O silêncio se fez imediatamente sobre essa frase, pronunciada em um tom triste e profundo. Foi o Ilustre Escritor quem primeiro o rompeu:

— Enfim, essas duas impressões... diga-nos quais são, poeta!

E ele colocou nesta palavra — poeta — todo o desprezo que um psicólogo pode ter por uma pessoa imaginativa e sensível.

— Eis!... aceitou o poeta... Contudo, vejo bem que vocês vão rir de mim... mas minha consciência está acima de seus risos...

— Como a justiça está acima dos juízes, não é isso?

— Como quiser!...

Simplesmente, o poeta contou:

— Alguns dias após a degradação daquele que vocês chamam de o traidor Dreyfus, eu passava a noite em uma casa onde estava um personagem que desempenhara um papel considerável nesse caso. Ele era, como imaginam, o herói dessa noite... Nós o rodeávamos muito... Ele falava com complacência e, pouco a pouco, exaltava-se com seu sucesso... Nesse momento, eu estava, como todo mundo, absolutamente convencido da culpabilidade do Capitão Dreyfus... Pois bem, à medida que o personagem falava, essa convicção gradualmente se abalava. Uma possível dúvida nascia, crescia em minha alma. Entretanto, ele não dizia nada que pudesse mudar a convicção que eu tinha comigo... O que ele relatava era, antes de tudo, resumindo, banalidades... coisas ditas, mil vezes reditas... Mas como lhes descrever isso?... Na expressão de seu rosto, de sua boca, de seus olhos, no som de suas palavras, que soavam

falsas... outra convicção, absoluta, a da inocência de Dreyfus, sucedia àquela que, dez minutos antes, eu tinha de sua culpabilidade... Quando o personagem terminou de falar, fui para a sala vizinha onde, encontrando uma dama amiga de minhas amigas, eu lhe disse apaixonadamente! “Acabei de me dar conta de algo horrível! Horrível! — Do quê?... Você está totalmente transtornado. — Acabei de descobrir que Dreyfus é inocente! — Oh! meu Deus! Quem lhe disse isso? — Ninguém. — Mas de onde vem essa ideia? — Do nada! Mas eu lhe juro que ele é inocente. — Você está louco, meu querido...” E minha amiga desatou a rir... como vocês!

De fato, os risos explodiram em torno da mesa do Ilustre Escritor... De acordo com a expressão do ensaísta, normalista, acadêmico e bastante conhecido nos elegantes círculos, “contorcíamos-nos de tanto rir”. O próprio Joseph que, nesse exato momento, presenteava seu mestre com excepcionais trufas ao champanhe, murmurou baixinho em seu ouvido: “Que gamos⁶ são esses poetas!” Mas o jovem poeta mantinha, em meio às risadas, uma fisionomia calma e serena. Ele não sentiu nem o insulto nem o ridículo... Passada a tempestade, o Ilustre Escritor perguntou, com uma cortesia irônica:

— E sua segunda impressão? Ah! Meu caro, peço-lhe que não nos prive dela!...

O jovem poeta respondeu:

— Para dizer a verdade, esta segunda impressão não é uma impressão, é algo mais. É desta vez uma certeza, uma certeza humana... embora nada possa me dar uma certeza mais profunda, mais absoluta, em seu mistério, do que a impressão que acabei de confessar... Então, isso se destina, sobretudo, às almas que resistem à verdade interior, como as suas...

Ninguém protestou. Prepararam-se até mesmo para uma nova alegria... Havia, em todos os olhares, a expectativa, a curiosidade de uma extravagância. Os olhos estavam fixos no poeta como em um palhaço que acaba de entrar em cena e de quem se espera truques, trejeitos que ainda não são conhecidos.

— Vamos, fale! Estamos escutando você!

— Como se pode esperar, disse o poeta com mais calor na voz, que um homem como o senhor Scheurer-Kestner, um homem de seu grau de pureza de vida, de seu valor moral, de sua situação social, um homem de sua inteligência, de seu heroísmo sensato, estaria dedicado a tal causa se ele não tivesse não só a certeza, mas também as provas — as provas, você entende — da inocência de um e da infâmia de outro? O que todos os julgamentos e todas as sentenças de um Conselho de Guerra podem fazer contra essa impressão misteriosa e reveladora que me faz gritar “Ele é inocente! Ele é inocente!”, e contra a absoluta, a impecável segurança que suscita algo sagrado: “a consciência de um homem honesto!”

Desta vez, não foram mais os risos que abafaram essas palavras, mas vaias e gritos.

O Ilustre Escritor estava espumando. Ele impôs o silêncio:

— E ainda que Dreyfus fosse inocente? vociferou ele... seria necessário que fosse culpado mesmo assim... seria necessário que ele expiasse sempre... mesmo o crime de um outro... É uma questão de vida ou morte para a sociedade e para as admiráveis instituições que

⁶ De acordo com o *Houaiss* (2009), “Mamífero artiodáctilo da família dos cervídeos (Dama dama), encontrado na Ásia, Sul da Europa e Norte da África, com cerca de 1,75 m de comprimento, chifres em forma de galhada plana com várias pontas e pelagem manchada de branco, apresentando características idênticas ao veado, tendo, porém, a cauda comprida e a parte superior das hastes achatadas e palmadas”.

nos governam! A sociedade não pode se enganar... os conselheiros de guerra não podem se enganar... A inocência de Dreyfus seria o fim de tudo!

Então, o poeta levantou-se e disse:

— Eu lhes falo de justiça!... E vocês me respondem com política!... Vocês são pobres imbecis!

E ele se foi...

Chez l'Illustre Écrivain, Octave Mirbeau

VII

Hier, nous étions quelques-uns, réunis à dîner chez l'Illustre Écrivain. Le sujet de la conversation, vous l'imaginez. On ne parla que de l'affaire Dreyfus, car comment parler d'autre chose en ce moment ? Et quel drame dépasse celui-là, en angoisse et en terreur ?... Il n'y avait là que des gens plus ou moins célèbres, et qui font profession de penser : des intellectuels, comme on dit. Aussi, toutes les sottises, toutes les monstrueuses sottises qui furent récitées, je renonce à les raconter. En quelques minutes d'exaltation patriotique, elles eurent vite atteint à la parfaite, à l'inexprimable beauté où, chaque jour, nous les voyons s'élever dans la presse. J'ignore quel sera le résultat de cette tragique et obsédante affaire. Il en est un, pourtant, qui me semble, dès maintenant, acquis : c'est que le journal n'a plus rien à envier à la loge du concierge. Le journaliste a fait tellement sien le potin stupide, venimeux et délateur, qu'il en a, à tout jamais, découronné la face symbolique, la face spécialiste du concierge, gardien de notre porte, et aussi de notre honneur !... Et il n'a pas fallu moins que le grand cri de conscience de M. Émile Zola, il n'a pas fallu moins que sa noble et forte parole pour que, dans le flot d'imbécile boue qui nous submerge, nous nous reprenions à ne pas complètement désespérer de l'utilité et de la générosité de notre profession.

Or, hier, chez l'Illustre Écrivain, la conversation, d'abord éparpillée parmi tous les convives, qui avaient hâte d'étaler leur bêtise irréductible et de vomir sur la table ce qu'ils avaient mangé le matin, dans les journaux, se fixa bientôt dans un dialogue entre notre hôte et un jeune poète, qui n'avait pas encore dit un seul mot et qui semblait regarder tous ces gens, autour de lui, avec l'étonnement pitoyable que l'on a devant une assemblée de fous.

— Et vous, dit l'Illustre Écrivain, en s'adressant au jeune homme, vous n'avez encore exprimé aucune opinion ?... Comme tout le monde, vous devez avoir un sentiment... et même une conviction ferme sur ce drame ?... Voyons, que pensez-vous de Dreyfus ?

— Je le crois innocent !... répondit le poète avec une douceur simple.

Il y eut des cris, des protestations indignées. Quand ils furent calmés, un essayiste, normalien, académicien, fort répandu dans les milieux élégants, demanda, non sans ironie :

— Vous avez des tuyaux ?

— Non, j'ai deux impressions... Et elles me suffisent !

— Des impressions ! s'écria l'Illustre Écrivain... Est-ce qu'on a le droit d'avoir des impressions dans une telle affaire ?... Il faut des certitudes !

— Quoi d'autre que des impressions avez-vous donc, vous, pour le croire coupable ?

— Une sentence ! prononça l'Illustre Écrivain, sur un ton de mélodrame.

— Une sentence !... Elle a été rendue par des hommes !

— Non, par des soldats !

— Ce sont deux fois des hommes !...

Une colère monta au visage de l'Illustre Écrivain. Et il dit :

— Allez-vous donc suspecter le jugement d'un conseil de guerre ?

— Dieu m'en garde !... Mais les juges peuvent s'être trompés... Qu'ils portent une robe rouge ou un dolman, il arrive, hélas !... il est arrivé que des juges se soient trompés !...

— C'est antinational, ce que vous dites là !... C'est monstrueux !... Même ici vous n'avez pas le droit d'exprimer cette opinion !...

— Pourquoi n'aurais-je pas le droit d'exprimer ce qui est dans mon esprit et dans mon cœur ?

— Parce que... parce que... la justice est au-dessus de tout !

— Ai-je jamais dit le contraire... puisque je pense que la justice est même au-dessus des juges !...

Le silence se fit aussitôt sur cette phrase, prononcée d'une voix triste et profonde. Ce fut l'Illustre Écrivain qui le rompit, le premier :

— Enfin, ces deux impressions... dites-les-nous, poète !

Et il mit, dans ce mot : poète, tout le mépris qu'un psychologue peut avoir contre un imaginaire et un sensible.

— Voici !... accepta le poète... Et, pourtant, je me rends bien compte que vous allez rire de moi... mais ma conscience est au-dessus de vos rires...

— Comme la justice est au-dessus des juges, n'est-ce pas ?

— Si vous voulez !...

Simplement, le poète conta :

— Quelques jours après la dégradation de celui que vous appelez le traître Dreyfus, je passais la soirée dans une maison où se trouvait un personnage qui avait joué un rôle considérable dans cette affaire. C'était, vous le pensez bien, le héros de cette soirée... On l'entourait beaucoup... Lui, parlait avec complaisance, et se grisait peu à peu de son succès... À ce moment-là, j'étais, comme tout le monde, absolument convaincu de la culpabilité du capitaine Dreyfus... Eh bien, à mesure que le personnage parlait, cette conviction, peu à peu, s'ébranlait. Un doute possible naissait, grandissait dans mon âme. Il ne disait pourtant rien qui pût changer cette conviction qui était en moi... Ce qu'il racontait, c'étaient plutôt, à tout prendre, des banalités... des choses dites, mille fois redites... Mais comment vous décrire cela ?... À l'expression de son visage, de sa bouche, de ses yeux, au son de ses paroles, qui tintaient faux... cette autre conviction, absolue, de l'innocence de Dreyfus, succédait à celle que, dix minutes auparavant, j'avais de sa culpabilité... Et, quand le personnage eut fini de parler, j'allai dans le salon voisin où, rencontrant une dame de mes amies, je lui dis passionnément ! « Je viens d'apprendre une chose horrible ! horrible ! — Et laquelle ?... Vous êtes tout bouleversé. — Je viens d'apprendre que Dreyfus est innocent ! — Oh ! mon Dieu ! Qui vous a dit cela ? — Personne. — Mais d'où vous vient cette idée ? — De rien ! Mais je vous jure qu'il est innocent. — Vous êtes fou, mon cher... » Et mon amie éclata de rire... comme vous !...

En effet, les rires firent explosion, autour de la table de l'Illustre Écrivain... Suivant l'expression de l'essayiste normalien, académicien, et fort répandu dans les milieux élégants, « on se tordit ». Joseph lui-même, qui, à cet instant précis, présentait à son maître d'incomparable truffes au champagne, lui murmura très bas à l'oreille : « Quels daims que ces poètes ! » Mais le jeune poète gardait, au milieu de ces rires, une physionomie calme et sereine. Il n'en sentait ni l'insulte, ni le ridicule... La tempête passée, l'Illustre Écrivain demanda, avec une politesse ironique :

— Et votre seconde impression ?... Ah ! mon cher, je vous en prie, ne nous en privez pas !...

Le jeune poète répondit :

— À vrai dire... cette seconde impression n'est pas une impression... C'est quelque chose de plus. C'est une certitude, cette fois, une certitude humaine... bien que rien ne puisse me donner une certitude plus profonde, plus absolue, dans son mystère, que l'impression que je viens de vous confier... Ceci donc s'adresse surtout aux âmes rétives à la vérité intérieure, comme les vôtres...

Personne ne se récria. On se disposa même à une joie nouvelle... Il y avait, dans tous les regards, l'attente, la curiosité d'une extravagance. Les yeux étaient fixés sur lui comme sur un pitre qui vient d'entrer en scène, et de qui on espère des tours, des grimaces que l'on ne connaît pas encore.

— Allons, parlez ! Nous vous écoutons !

— Comment voulez-vous ? dit le poète avec plus de chaleur dans la voix, qu'un homme comme M. Scheurer-Kestner, un homme de sa grade pureté de vie, de sa valeur morale, de sa situation sociale, un homme de son intelligence, de son héroïsme réfléchi, se soit dévoué à une telle cause, s'il n'avait pas, non seulement la certitude, mais encore les preuves — les preuves, vous entendez — de l'innocence de l'un et de l'infamie de l'autre ? Que peuvent tous les jugements et toutes les sentences d'un conseil de guerre contre cette impression mystérieuse et révélatrice qui me pousse à crier : « Il est innocent ! Il est innocent ! » et contre l'absolue, l'impeccable sécurité que me donne cette chose sacrée : « La conscience d'un honnête homme ! »

Cette fois, ce ne furent plus des rires qui couvrirent ces paroles, mais des huées et des hurlements. L'illustre Écrivain écumait. Il imposa le silence :

— Et quand même Dreyfus serait innocent ? vociféra-t-il... il faudrait qu'il fût coupable quand même... il faudrait qu'il expiât toujours... même le crime d'un autre... C'est une question de vie ou de mort pour la société et pour les admirables institutions qui nous régissent ! La société ne peut pas se tromper... les conseils de guerre ne peuvent pas se tromper... L'innocence de Dreyfus serait la fin de tout !

Alors le poète se leva, et il dit :

— Je vous parle justice !... Et vous me répondez politique !... Vous êtes de pauvres petits imbéciles !...

Et il s'en alla...

Referências

CONCIERGE. *In*: Le Robert Mobile. Paris: SEJER, 2025. Disponível em: <<https://www.lerobert.com/>>. Acesso em: 10/03/2025.

GAMOS. *In*: *Dicionário Houaiss Eletrônico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

GRANDE enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1995. v. 14.

KALIFA, D. *et al. La civilisation du journal: Histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIXe siècle.* Paris: Nouveau Monde éditions, 2011.

MIRBEAU, O. Chez l'illustre Écrivain. *In: MIRBEAU, O. Chez l'illustre Écrivain.* Paris: Flammarion, 1919. p. 45-51.

PAGÈS, A. *Émile Zola: De J'accuse au Panthéon.* Saint-Paul: Editions Lucien Souny, 2008.

PASSARD, C. *L'âge d'or du pamphlet.* Paris: CNRS Editions, 2015.

ZOLA, É. *J'accuse! La Verite en Marche.* Paris: Complexe, 1999.